



Dez Anos de Assistência Espiritual Infantil na FAK

Célia Regina Carrara da Cunha¹
Martim Afonso de Souza¹

Deixai vir a mim as criancinhas [...] (Marcos, 10:14)

O ano 2013 marca dez anos de existência da Diretoria de Assistência Espiritual Infantil na Fundação Allan Kardec (FAK), em Manaus – Amazonas. Nesse período verifica-se a consolidação dessa atividade como área autônoma na estrutura administrativa da FAK, destacando-se sua identidade própria no contexto das demais atividades voltadas à assistência espiritual e ao trabalho com as crianças.

No entanto, a história da assistência espiritual a crianças não se iniciou em 2003. Os objetivos deste trabalho são resgatar, em breves anotações, o histórico da tarefa na FAK, identificar sua evolução ao longo do tempo, apresentar o panorama atual da atividade e, por fim, especular sobre seus compromissos futuros.

O surgimento do Tratamento Espiritual Infantil (TEI)

De acordo com Machado (2013) e Paixão (2013), as atividades de assistência espiritual infantil na FAK têm sua origem na Evangelização Infanto-Juvenil. Percebia-se que o método utilizado para evangelizar crianças não se adequava integralmente ao universo de infantes recebidos na FAK para participar das atividades. Algumas crianças não conseguiam acompanhar as tarefas, não se ajustavam à dinâmica proposta, e externavam seu desconforto através do comportamento violento e agressivo para com outras crianças e evangelizadores.

Tal situação gerava, além dos distúrbios durante as aulas, um sentimento de frustração e desânimo por entre os trabalhadores, os quais por vezes se sentiam incapazes de lidar com a situação. Era perceptível que uma nova abordagem precisava ser adotada para, de alguma forma, atender a esse público. Na ocasião, a expressão encontrada para se caracterizar essa abordagem era “atenção diferenciada”.

A partir da segunda metade da década de 80 do século XX, essa percepção acentuou-se pelo aumento do número de crianças portando essas características. Desta forma, em 1990 foi criado um grupo especial, na sala 30, para reunir essas crianças. Segundo Paixão (2013, p.1), essa sala “se chamava Sala de Artes. Esse local era onde as crianças que chegavam ao centro eram encaminhadas, ou aquelas que não se adaptavam às atividades da evangelização (...)”. O grupo atendia crianças de 1 a 12 anos.

¹ Trabalhadores da Fundação Allan Kardec, Manaus, AM.

Além desse grupo, oriundo da Evangelização Infantil, a Sala de Artes recebia, ainda, crianças que estavam aguardando o início do período de matrículas na Evangelização, bem como crianças que iam à FAK acompanhando seus pais, participantes das atividades do Tratamento Espiritual de Adultos.

Com o tempo, foi se percebendo a necessidade de diversificação das atividades em face das diversas faixas etárias atendidas. Nascia, assim, o imperativo de se criar uma estrutura paralela à da Evangelização, dividindo-se os grupos conforme a idade das crianças participantes. Percebia-se, também, a importância de se realizar uma espécie de “triagem” das crianças que chegavam à FAK, realizando-se os encaminhamentos conforme a necessidade que apresentavam.

Em 1991, foi organizado um seminário na FAK para estudar o Tratamento Espiritual Infantil (TEI). Foi a primeira vez que essa nomenclatura surge nos registros oficiais da entidade. Segundo Machado (2013), a grande preocupação do seminário não foi identificar as possíveis causas de sofrimento das crianças, mas sim esboçar métodos e estratégias para lidar com as crianças em sala, de forma a desenvolver e sistematizar a “atenção diferenciada”.

Para tanto, foi montado um calendário anual de temas e toda uma gama de atividades, histórias e recursos para cumprir o calendário e operacionalizar a proposta de cuidar das crianças. Sabia-se que a criança estava em dificuldades, e os esforços eram dirigidos para melhor atendê-la, aliviando os sintomas que ela portava e que eram causa de conflitos no lar e na casa espírita.

Iniciou-se, ainda, a aplicação do passe e a oferta da água fluidificada às crianças ao término da atividade. Posteriormente, essas iniciativas foram também estendidas para o início da atividade, como forma de iniciar o cuidado com a criança desde o momento em que ela ingressava na sala onde a atividade ocorria.

Outra providência importante, nascida após esse seminário, foi a criação de uma ficha de entrevista própria para o TEI, através da qual eram recolhidos, junto aos responsáveis, informes acerca da situação da criança, que auxiliavam os trabalhadores na ciência de seus comportamentos desajustados.

Da análise dos relatórios da Diretoria da FAK, pode-se perceber que o TEI, desde o início, esteve vinculado à área de Tratamento Espiritual. Esta ligação estrutural permaneceu até a reforma de 2003, quando se criou a Diretoria de Assistência Espiritual Infantil (DAEI).

As atividades do TEI eram focadas, como já salientado acima, na atenção diferenciada ofertada às crianças. No dizer de Paixão (2013, p. 1), “passamos a adotar atividades que acalmassem as crianças e que permitissem um momento de concentração e que elas ficassem desvinculadas de seus comportamentos supostamente patológicos.”

Nas diretrizes da Diretoria de Tratamento Espiritual, o TEI era assim resumido: “Atividade voltada para o atendimento de crianças que, não interessadas ou impossibilitadas de participar da Evangelização Infantil, procurarem a instituição em busca de solucionar patologias espirituais” (FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC, 2001). A participação dos pais ou responsáveis que as traziam à FAK limitava-se à entrevista (na qual eram identificados os sintomas de inquietude que a criança portava) e a eventuais intervenções de caráter orientador – quando o próprio pai apresentava demandas pontuais acerca da criança, era então orientado pelos trabalhadores do TEI. Em geral, as crianças eram deixadas nos grupos de tratamento e os pais seguiam para suas atividades na FAK, seja como estudantes ou como trabalhadores.

Como forma de diferenciar o trabalho realizado no TEI com o da Evangelização, passou-se a adotar a expressão “harmonização infantil”, sendo quem o executava o “harmonizador”. Essa mudança deu-se após 1997.

Fundamentos doutrinários do TEI: início da mudança de perspectiva

Como dito acima por Machado (2013), no momento de sua criação e em seus anos iniciais de funcionamento, não havia no TEI uma preocupação muito clara a respeito dos fundamentos doutrinários da atividade, como, aliás, para todas as atividades da FAK. Sabia-se que a necessidade existia e o que era preciso

fazer com as crianças, mas não existia um propósito de se identificar, à luz da Doutrina Espírita, as reais causas dos sofrimentos e as alternativas para tratamento e assistência.

Essa preocupação com o entendimento e a justificativa das atividades a partir da análise das obras de Allan Kardec somente tomou corpo a partir da segunda metade da década de 90 do século XX, sendo coroada em um grande seminário ocorrido em 2002, do qual resultou o documento “Fundamentos doutrinários da organização das atividades da Fundação Allan Kardec”, em vigor a partir de outubro de 2002.

De qualquer forma, durante sua trajetória na década de 90, e levando em conta principalmente sua vinculação à Diretoria de Tratamento Espiritual, o TEI incorporou a suas diretrizes as ideias e os conceitos predominantes nessa área. Supunha-se, na ocasião, que a influência espiritual perniciosa era a principal causa de infelicidade para o ser humano. Creditava-se à ação nociva dos acompanhantes espirituais o sofrimento dos encarnados, no fenômeno popularizado pelo nome “obsessão”².

Assim, enxergava-se o sofrimento da criança como similar ao sofrimento do adulto, tendo ambos como causa a ação dos obsessores desencarnados. Esta constatação fica patente ao se analisar os três primeiros objetivos do TEI, expressos em suas diretrizes:

- a) possibilitar à criança um clima de atenção que lhe mantenha pelo menos durante a atividade desligado da pressão mental dos espíritos a eles sintonizados de forma infeliz.
- b) permitir que os espíritos trabalhadores possam atuar junto às crianças, mais ativamente, já que, com a mente momentaneamente desobstruída da constrição dos espíritos infelizes, a assimilação de fluidos revigorantes e idéias renovadoras se tornem mais viáveis.
- c) possibilitar o estudo de temas nobres, de elevado cunho moral e que possam remodelar o ambiente mental da criança, bem como dos acompanhantes espirituais (FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC, 2001).

Nota-se a prevalência dessa visão, a de que os problemas enfrentados pela criança derivam da influência espiritual. Era coerente com essa postura, portanto, a prática de lidar apenas com as crianças no TEI, visto que eram elas que portavam ou traziam o problema.

No entanto, era perceptível que essa abordagem não era suficiente para aliviar integralmente as crianças – o método de tratar somente as crianças não bastava. Insinuava-se uma mudança no paradigma de assistência, e o cerne dessa mudança estava claro para todos os envolvidos: a participação da família.

Era comum, nas atividades do TEI, que os trabalhadores presenciassem a seguinte cena: finda a atividade, a criança era entregue aos pais à porta dos grupos de harmonização. Nesse instante, a criança estava serena, tranquila. Entretanto, logo ela era objeto de demonstrações de impaciência, intolerância e desamor, praticadas pelos responsáveis aos olhos de todos, nos corredores e no estacionamento da instituição.

Essas cenas, repetidas incessantemente, geravam inquietude nos trabalhadores e faziam nascer a certeza de que a participação dos pais no tratamento das crianças era essencial e imprescindível, e que os esforços para harmonizar e aliviar a criança de suas inquietudes não podiam se restringir ao período de tempo que ela passava nas atividades no interior da FAK.

A reforma de 2003: criação da DAEI

O seminário ocorrido em 2002 sistematizou e unificou o entendimento a respeito dos fundamentos doutrinários da FAK, sendo as atividades organizadas em bases recolhidas das obras da codificação espírita e tendo como critérios o tipo de necessidade que levava a pessoa até a instituição, o vínculo à FAK e a faixa etária. Em resumo,

Por esse entendimento [como devem ser organizadas as atividades da casa espírita], supõe-se que a instituição deve possuir atividades capazes de lidar com os diversos tipos de necessidades do espírito encarnado. Isto é, que tanto possam aliviar a eventual gravidade de sintomas incapacitantes ou que comprometem a lucidez do ser (causas imediatas), quanto de ajudar no trato das causas reais, isto é, aquelas causas onde se encontra a verdadeira

² KARDEC conceitua obsessão como o “domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas” (2003). Importante ressaltar que na estruturação das atividades na FAK para alívio à obsessão, no âmbito do tratamento espiritual, havia preocupação para acolhimento também dos Espíritos obsessores, além dos cuidados para com os obsidiados.

razão do problema, que tanto pode ser em atos da vida atual (causas atuais) como de vidas anteriores (causas transatas) ou mesmo na rebeldia perante o imperativo do progresso espiritual (causas primitivas). Tais métodos, entretanto, precisam ser ajustados à faixa etária de cada um, pois que, em cada fase do corpo físico o espírito expressa características específicas como encarnado e tem necessidades diferenciadas, que requerem métodos diferenciados para atendê-las. Além disso, procura-se tomar em conta a relação do assistido com a instituição uma vez que, sendo trabalhador, pode-se lançar mão, em seu auxílio, de recursos doutrinários ou mediúnicos mais aprofundados e diretos. (FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC, 2012, p. 3)

Tais fundamentos vêm sendo continuamente debatidos e analisados e hoje orientam todas as atividades da FAK. Segundo esse documento, as crianças em desajuste são trazidas à Casa por conta de suas necessidades, expressas em suas patologias comportamentais. As particularidades da operacionalização no trato com as crianças são assim descritas:

Sem vontade consciente, não obra [a criança] de modo a sofrer efeitos de equívocos e nem pode reformar condutas. Assim, a melhoria de seus sofrimentos é buscada pelo envolvimento em atenção e atos de amor, ensejando aos benfeitores espirituais participação mais direta no alívio e pela minimização da morbidez do entorno familiar por meio da atuação junto aos pais ou responsáveis (FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC, 2011, p. 20)

Paralelo a essa iniciativa, que impactou os fundamentos de todas as atividades da FAK, foram realizados os primeiros esboços da área de assistência espiritual infantil. Dentre as providências levadas a efeito nesse esforço destaca-se a criação de um conjunto de vinte roteiros de estudo para os pais, em formato de perguntas e respostas, nos moldes dos roteiros sistematizados para o estudo do Evangelho, criados e utilizados na FAK para assistência espiritual a jovens, adultos e idosos.

Um grupo de trabalhadores debruçou-se sobre a extensa produção bibliográfica espírita a respeito da família e logrou criar tal conjunto de roteiros de estudo, tendo como foco a preocupação com o bem-estar da criança. A ideia central dos estudos era sensibilizar os pais ou responsáveis acerca de sua eventual responsabilidade na dor da criança.

Por fim, foi idealizada a diretriz geral para a estruturação da Diretoria de Assistência Espiritual Infantil (DAEI)³, com as seguintes coordenações: Entrevista de Pais, Grupos de Harmonização Infantil, Grupos de Pais com Crianças Assistidas, Apoio Administrativo e Orientação Individual a Pais. A DAEI foi a primeira diretoria da FAK a ter uma diretriz única, na qual se tratava de todas as atividades exercidas no âmbito da área.

Em 2003, tudo estava pronto para a concretização da DAEI. Na época, as atividades do TEI funcionavam aos sábados, às 18 horas, e às terças, às 20 horas. Era o mesmo horário no qual as atividades de Evangelização Infantil ocorriam. À essa época, também, a FAK oferecia atividades de assistência espiritual a adultos e idosos em todos os horários nos quais a casa funcionava. Era necessária, assim, uma reforma estrutural para acomodar as novas atividades criadas.

Desta forma, os gestores da instituição decidiram que os dias em que a DAEI e a Evangelização Infantil já funcionavam seriam os dias prioritários de participação de crianças na FAK. As atividades de assistência espiritual a adultos, que ocupavam a maior parte das dependências da instituição, deixaram de ser oferecidas nas terças e nos sábados, às 18 horas.

Um longo e cuidadoso processo de informação aos participantes, e de realocação dos mesmos em outros dias de atividade, foi então realizado. Em paralelo, foram feitas oficinas com os trabalhadores dessa atividade, de forma a inteirá-los da nova tarefa que seria realizada naqueles dias e horários. Boa parte dos dirigentes de estudo do Evangelho tornou-se, então, dirigentes dos recentes Grupos de Pais criados, após intensivo estudo e análise dos novos roteiros elaborados.

³ À época, outros nomes foram cogitados para a área que estava em criação, como Diretoria de Alívio a Problemas Espirituais Infantis (DAPEI) (MACHADO, 2013).

Fundamentos doutrinários da DAEI: mudança de paradigma e método global

A percepção de que a assistência prestada unicamente à criança não atingia as reais causas de seu sofrimento terminou por estabelecer a imprescindibilidade de envolvimento da família no processo de cuidado e atenção àquela.

Nesse passo da evolução da atividade, uma das construções teóricas mais importantes foi a da “visão espírita da criança”, ou seja, a compreensão, à luz da Doutrina Espírita, sobre as características especiais que marcam o Espírito durante o período infantil e sobre as principais causas que, supostamente, lhe complicam a existência durante esta fase.

Assim, para o Espiritismo, a criança:

- é um Espírito que reencarna para progredir;
- traz a “capa” da inocência para despertar naqueles por si responsáveis os sentimentos da brandura e do carinho;
- permanece, durante a infância, com seu potencial restringido, em virtude da imaturidade dos órgãos e da inteligência;
- mostra-se extremamente sensível ao ambiente no qual vive, dele absorvendo os modelos comportamentais que presencia e por ele sendo influenciada continuamente.

Com base nesta visão, estabeleceram-se três principais fontes de inquietude para as crianças:

- a) Inquietudes espontâneas oriundas de vivências danosas à consciência, experimentadas em encarnações anteriores, e que se instalaram nas bases de sua nova personalidade durante o processo de reencarnação. Durante esse período o Espírito vai perdendo, pouco a pouco, a gestão consciente de sua memória e então, essas vivências danosas à consciência (remorsos, culpas, hábitos doentios cristalizados, etc.) brotam autonomamente e se anexam às características psicológicas que marcarão a nova personalidade.
- b) Ação malfazeja de adversários espirituais. Muitas vezes o Espírito que anima a criança é um grande devedor e, por isso, tem em seu encalço ferrenhos cobradores. Embora haja, na fase infantil, uma proteção intensiva da misericórdia divina, o lar onde a criança se encontra pode “abrir as portas” para esses inimigos, permitindo que eles persigam a criança fazendo-a sofrer. Essa abertura de porta ocorre quando o lar vive envolto por desarmonias e licenciosidades.
- c) Morbidez de seu entorno familiar. As violências físicas, a demonstração de desamor, a ausência de afeto, o trato ríspido, a impaciência contumaz, a solidão, a atmosfera de briga entre os membros do lar, a ausência de entes vitais para seu desenvolvimento, etc. vão gerando na criança um desconforto psicológico. Não tendo a criança como consertar essa morbidez que percebe em seu entorno, os automatismos do seu psiquismo produzem comportamentos doentios, como forma de pedir socorro para tal desconforto. (FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC, 2012, p. 3)

O método de assistência delineado na DAEI buscava, de maneira global, minimizar todas essas causas. Assim, esperava-se que as *inquietudes de outras vidas* fossem aliviadas pelos Grupos de Harmonização Infantil; que os *adversários espirituais* da criança fossem atendidos pelos grupos mediúnicos da Casa; e que a *morbidez do entorno familiar* fosse sanada pela ação da Entrevista, pelo estudo nos Grupos de Pais e pelas intervenções da Orientação Individual a Pais.

A participação da família tornou-se, desta forma, essencial ao método. Enquanto no TEI os pais e responsáveis ficavam à margem do tratamento, na assistência espiritual infantil eles ocupam uma posição central no processo, pois, como esclarecido pela visão espírita da criança, a dependência em que esta se encontra àqueles é de tal vulto que ela, por si só, não consegue enfrentar seus desafios: precisa do apoio, do compromisso e do empenho de seus genitores ou responsáveis.

Além dessa constatação, a experiência ensinava aos instituidores da DAEI que, em verdade, a expressiva maioria das crianças que chegavam à FAK em busca de auxílio era vítima do desequilíbrio e do desajuste da família a que pertenciam: elas não portavam o problema que afligia o grupo familiar, mas sim apenas o expressavam. Deriva daí o fato de que três coordenações da DAEI foram idealizadas para atuar sobre a problemática do entorno familiar, como forma de sensibilizar pais e responsáveis para o fato de que, sozinha, a criança não consegue progredir.

A síntese evangélica para essa proposta foi encontrada na fala de Jesus aos discípulos que impediam o acesso dos pequenos a ele: “Deixai vir a mim as criancinhas...” (Marcos, 10:14). É como se o Mestre alertasse às criaturas que sua conduta seria o óbice a que os pequenos pudessem se dirigir, sem percalços, até Ele.

A DAEI dez anos depois

Neste ano 2013 a DAEI alcança seus dez anos de existência. Durante sua trajetória, ela enfrentou os percalços naturais que as atividades de uma casa espírita experimentam, acrescidos do fato de ser uma área nova em um contexto em que poucas mudanças haviam então ocorrido. Em geral, as atividades da instituição espírita limitam-se ao tratamento espiritual, aos estudos doutrinários, à assistência social e à evangelização infanto-juvenil. Tratar de crianças desajustadas em uma estrutura autônoma em relação às áreas de tratamento e evangelização representava uma novidade e um desafio.

Duas mudanças significativas na estrutura da DAEI ocorreram nesse decênio de atividades: as atividades de entrevista com os pais passaram à alçada da Diretoria de Acolhimento; e a Diretoria ganhou uma nova coordenação, a do apoio mediúnico. Grupos mediúnicos passaram a integrar a estrutura da DAEI, desvinculando-se da Diretoria de Apoio Mediúnico ao Assistido (DAMA). Com esta última mudança a DAEI passou, efetivamente, a gerir todo o processo integral de assistência à criança e a seu grupo familiar, aqui incluídos os espíritos desencarnados envolvidos com a situação.

Outra mudança importante foi a inclusão, na programação de estudos dos Grupos de Pais, de diversos roteiros de estudo da obra *O evangelho segundo o espiritismo*. O calendário montado alterna roteiros próprios para os pais com os estudos do evangelho. Essa mudança nasceu da necessidade identificada de também fortalecer o ânimo dos pais e responsáveis, além de sensibilizá-los quanto a sua responsabilidade.

O método idealizado continua em operação, sem mudanças em sua essência. O esforço por destacar a especialidade da situação da criança, de modo a que o grupo familiar lhe confira prioridade e posição central, permanece como um dos aspectos mais relevantes no processo de assistência.

O êxito no processo de assistência à criança é uma realidade constatada diuturnamente. Dois aspectos, a este respeito, são destacados a seguir.

Duas vezes por ano a Coordenação dos Grupos de Pais realiza uma atividade de autoavaliação com os assistidos. Um questionário é respondido pelos participantes, assegurado o anonimato, como forma de os responsáveis pela tarefa avaliarem o progresso do grupo e de cada um.

Foram selecionadas respostas a dois questionamentos formulados aos pais em agosto de 2013. O primeiro é “Comparando hoje com o estado em que a criança chegou à FAK, houve melhora?” Exemplos de respostas obtidas e que se repetem nos questionários, com maiores ou menores variações:

1. Meu filho algumas vezes ainda se mostra uma criança difícil, mas hoje eu sei que ele apenas quer um pouco de minha atenção.
2. Muito!! Hoje eu consigo conversar com meu filho sem que ele fique agitado. Na minha casa a minha família está mais feliz. A calma de meu filho é impressionante. Agora tenho certeza que estou no caminho certo. Obrigado, Deus.
3. Sim, houve grandes mudanças, como por exemplo o abandono de más companhias, a aquietação desse coração tão cheio de amor.
4. Sim, hoje ela é mais calma, mais brincalhona, conversa mais com os pais, pergunta se pode fazer alguma coisa se tem dúvida, é mais carinhosa.
5. Sim, ela está mais carinhosa.
6. Sim, às vezes mais, às vezes menos... Continua agitado, alguns gritos, mas moderados.
7. Melhorou muito. Não fica mais doente com tanta frequência, não tem medo de “monstros”, é uma criança mais feliz.

A outra pergunta selecionada é: “Percebeu alguma mudança em suas ações que possa ter contribuído para a melhoria da criança?” Exemplos de respostas:

1. Sim, hoje estou mais paciente e compreensivo.
2. Sim, um pouco mais calma e paciente.
3. Estou conversando mais com ele.
4. Aproximação é o fator chave de tais mudanças, o companheirismo melhorou em nosso relacionamento, assim como os demais da casa.
5. Sim, antes eu me estressava super fácil [...] hoje sinto essa minha mudança pela minha parte, procuro ter mais conversa com eles, tenho mais paciência, antes de agir paro e penso.
6. Sim, na paciência, conversa, participações nas tarefas da escola, em casa, banhos, brincadeiras...
7. Hoje em dia eu, como pai, estou conseguindo dar exemplo de um pai que fica atento a tudo que eles fazem.
8. Hoje acho que sou mais cauteloso com meu filho, tenho muito cuidado com o exemplo que passo para ele, tento ser o mais atencioso e carinhoso possível, às vezes falho, mas penso que tenho melhorado com relação à paciência.
9. Sim, é uma mudança bem vagarosa, pois sou uma pessoa muito muito endurecida e impaciente.
10. Percebo que quando tenho mais paciência ele fica um pouco mais calmo.
11. A disciplina de orar com ela todos os dias, mais atenção às suas necessidades, maior acompanhamento de suas atividades.
12. Passei a gritar menos, a ouvi-los mais, a dar mais carinho nas horas em que estamos juntos.

O outro aspecto a destacar quanto ao êxito do método é o fato de que, em outubro de 2013, um total de oito trabalhadores da DAEI foram, no passado, assistidos da atividade como pais, mães e responsáveis por crianças. Esse grupo responde por 50% do total de dirigentes dos grupos de pais e dos trabalhadores do apoio administrativo. E existem mais duas pessoas nessas mesmas condições (ex-assistidos) que hoje estão em treinamento para se tornarem trabalhadores no futuro.

Uma abordagem interessante para estudar esse fenômeno seria inquirir desse grupo de indivíduos as razões pelas quais escolheram trabalhar na área de assistência espiritual infantil. É certo, por outro lado, que muitos pais e responsáveis que frequentaram as atividades da DAEI na condição de assistido são estudantes e trabalhadores de outras áreas da FAK.

Compromissos Futuros e Conclusões

Pode-se afirmar que a área de assistência espiritual infantil, ao término desse período de dez anos, alcançou sua maturidade institucional: ao mesmo tempo em que consolidou seu método de assistência, alcançou identidade própria no contexto das demais áreas da FAK.

Surge desse cenário, para seus trabalhadores, um compromisso de continuar a aperfeiçoar o método, que tanta paz e luz tem proporcionado aos assistidos. É indiscutível que, da mesma forma que as atividades são estruturadas para atender às necessidades dos assistidos, essas mesmas atividades atendem às necessidades íntimas dos trabalhadores, os quais são os primeiros beneficiados pela tarefa.

É perceptível, por outro lado, que há muitas interfaces entre a DAEI e as demais áreas da FAK que podem e devem ser estimuladas. Destacam-se, a seguir, dois desses pontos de contato e intercâmbio.

O salutar ambiente de reflexão e estudo criado para pais e responsáveis pode ser aproveitado por quaisquer outros participantes da Casa, desde que sejam responsáveis por crianças. Podem ser citados trabalhadores, estudantes, pais de crianças e jovens da área de evangelização infanto-juvenil e participantes dos grupos de estudo da área de apoio à melhoria interior.

Quanto a este último grupo, muito embora os participantes possam não ter filhos em idade infantil, pode-se identificar que parte de suas inquietudes e dramas íntimos nasceram de relações familiares conturbadas, gerando mágoas, ressentimentos e melindres. O estudo de temas ligados aos valores familiares pode ajudar esses corações a resignificar suas vivências, gerando alento, conforto e esperança.

Por fim, a construção teórica “visão espírita da criança” pode se espalhar para todas as áreas que envolvam a participação de crianças, como a própria Evangelização, as atividades de urgência social, acolhimento etc.

Referências

FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC. **Diretrizes da Assistência Espiritual Infantil**. Manaus, 2012.

FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC. **Diretrizes do Tratamento Espiritual Infantil**. Manaus, 2001.

FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC. **Diretrizes de Funcionamento do Tratamento Espiritual**. Manaus, 2000.

FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC. **Relatório de Atividades do ano 1990 da Fundação Allan Kardec**. Manaus, 1991.

FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC. **Relatório de Atividades do ano 1991 da Fundação Allan Kardec**. Manaus, 1992.

FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC. **Fundamentos doutrinários da organização das atividades da Fundação Allan Kardec, de Manaus, Amazonas**. Manaus, 2011.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. 71 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003.

MACHADO, José Alberto da Costa. **Dez Anos de Assistência Espiritual Infantil na FAK**. Fundação Allan Kardec, Manaus/AM, em 26 set. 2013. Elaboração de artigo para o III Simpósio FAK. Entrevista pessoal concedida a Martim Afonso de Souza.

PAIXÃO, Izabel Maria Chaini. **Dez Anos de Assistência Espiritual Infantil na FAK**. Fundação Allan Kardec, Manaus/AM, em 3 out. 2013. Elaboração de artigo para o III Simpósio FAK. Entrevista por correio eletrônico concedida a Martim Afonso de Souza.